

Notas, Inéditos e Documentos

FUNDAMENTAÇÃO EXISTENCIAL DA PEDAGOGIA. — Tal é o título dum dos últimos trabalhos do Sr. Dr. Delfim Santos (Lisboa, 1946).

Pela importância dos problemas nele versados merece referência mais extensa do que a duma simples recensão bibliográfica.

Distinguiremos nele dois aspectos, que, à falta de vocábulo mais próprio, designaremos por negativo e construtivo. Sob a denominação de aspecto negativo queremos englobar as críticas que o A. faz a outras concepções pedagógicas diferentes da que propõe no seu estudo. As que se referem à chamada pedagogia científica achámo-las particularmente bem fundadas e muito oportunas. Com efeito, hoje «a pedagogia encontra-se em crise de enfartamento proveniente da quantidade imensa de materiais, que penetrou no seu pseudo âmbito». Ao ler certos livros expressivos de determinadas tendências, o pedagogo, para bem os compreender, deveria ser embriologista, neurologista, hereditologista, fisiologista, endocrinologista e... «tuti quanti», para, ao fim e ao cabo, realmente não poder ser nada». Ora, «se a pedagogia é realmente um sistema de conhecimentos que aspira a tornar-se ciência, tem, com urgência, de abandonar a situação em que se encontra. A sua temática e a sua metódica não podem ser emprestadas por outras ciências».

Ninguém poderá negar o acertado destas observações, sobretudo havendo o cuidado de afirmar simultaneamente a contribuição, que à pedagogia podem dar os resultados doutras ciências afins, se forem usados com moderação e critério.

Às críticas feitas à pedagogia científica junta o A. ainda outras relativamente à que chama pedagogia metafísica. Logo nas primeiras páginas do seu trabalho nos elucida que pretende estabelecer a seguinte conclusão: «nem pedagogia metafísica, nem pedagogia científica; mas pedagogia pedagógica». Respondendo à objecção de que semelhante pedagogia «é talvez ainda científica em certos momentos e metafísica em outros», — esclarece que esta concepção «não absorve a pedagogia em qualquer ciência ou teoria, mas serve-se da ciência e também da metafísica para tornar pedagógica a pedagogia».

Esta formulação seria inteiramente aceitável se, ao propor o aspecto construtivo da sua tese, o A. nos deixasse o espírito em perfeita tranquilidade, quanto ao fundamento e às consequências de teoria que propõe. Não sucede, porém, assim. A nós, pelo menos, deixam-nos tanto esse fundamento como estas consequências não poucas nem pequenas dúvidas.

Vamos lealmente expor as mais sérias. — Para melhor se compreenderem será conveniente recordar antes em que consiste a mencionada fundamentação da pedagogia, que propõe o S. Dr. D. S.

Diz, e com toda a razão, que «a pedagogia pressupõe sempre uma antropologia ou teoria do homem». É verdade; mas que vem a ser o homem?

Ninguém espere duma filosofia existencialista género heideggeriano, resposta plenamente satisfatória a esta pergunta. Se a vida humana implica necessariamente uma relação real ao absoluto e ao transcendente, nunca a poderá explicar uma filosofia, que tem como elemento característico a negação do transcendente e do absoluto.

Mas se esta filosofia não pode responder satisfatoriamente à pergunta: — «que é o homem?» —, talvez outra o possa fazer. Quem, decerto, jámais o conseguirá é uma «pedagogia estritamente pedagógica». Neste ponto não podemos acompanhar o Sr. Dr. D. S. — Afirma ele que a pergunta — «que é o homem?» — é «a interrogação fundamental a que a pedagogia sempre procura dar resposta». Pensamos que a resposta a semelhante pergunta não pertence à pedagogia; ultrapassa o âmbito que lhe é próprio. Tem, é certo, de pressupor, uma resposta; tem, como diz o Sr. Dr. D. S., de pressupor «uma antropologia ou teoria do homem»; essa teoria, porém, é-lhe dada por uma metafísica, assim como outros elementos lhe são igualmente fornecidos por diferentes ciências auxiliares. E neste sentido aceitamos de bom grado as já citadas palavras do Sr. Dr. D. S.: a pedagogia «serve-se da ciência e também da metafísica para tornar pedagógica a pedagogia».

Suspeitamos, porém, que esta fórmula na sua aplicação concreta não reproduz identidade de pareceres no espírito do A. e no nosso. Com efeito, a metafísica de que o Sr. Dr. D. S. se pretende servir para tornar pedagógica a pedagogia é, se não estamos em erro, a metafísica existencialista heideggeriana. Ora, a nosso ver, tal ponto de vista vem frisar, é certo, aspectos interessantes e fecundos nos estudos pedagógicos; mas tem duas falhas fundamentais que se nos afiguram gravíssimas: o método fenomenológico, que limita e deforma a realidade do ser humano, e o anti-intelectualismo que não permite aceitar nem o valor objectivo e absoluto da moral nem o sentido transcendente da vida e da existência humana.

Compreendemos perfeitamente que a pedagogia, inspirando-se na atitude existencialista de Heidegger, procure encontrar, na expressão do Sr. Dr. D. S. «a dimensão humana para o tratamento do homem»; e é este o ponto de vista fecundo a que aludimos. Não podemos, porém, concordar com a aceitação pura e simples da existência autêntica, no sentido fechado que Heidegger lhe dá. Com efeito, a análise heideggeriana da existência autêntica procura persuadir-nos que a vida humana pode ter sentido, prescindindo de Deus; que o homem, mesmo na sua indigência, se pode bastar a si mesmo.

Mas a verdade é que essa indigência é uma abertura para Deus. Se a condição finita do homem não atestasse a realidade dum Infinito, nem seria possível reconhecer essa condição de ser finito. Quem, por natureza, está fechado num recinto, e não sabe que existe outro espaço fora, não imagina que está fechado. Reparar nisso é atestar a existência dum espaço diferente.

Ora, se não estamos em erro, a tese do Sr. Dr. D. S. consiste em frisar que a pedagogia tende a realizar «a finalidade que deve orientar o homem: ser autêntico»; ou ainda levar «o homem a ser o homem que pode ser». Mas nestas possibilidades humanas não se incluem valores absolutos. O Sr. Dr. D. S. afirma: «Não é possível em educação valores absolutos ou ideais supratemporais, que desconheçam a relatividade e limitação do ser

humano». Diz mais; « não é a educação que tem de subordinar-se à moral, mas esta consequência da vida e da aprendizagem da vida ».

Como se vê, estamos bem longe do ponto de vista cristão, que afirma certos valores absolutos implicados na vida humana, e aos quais ela tem de subordinar-se. E o Sr. Dr. D. S. continua: « Às teorias tradicionais sobre educação, que admitiam a finalidade desta na ética, surge hoje, com a sua radical refutação, a tendência que coloca como finalidade principal do processo educativo o próprio desenvolvimento psicológico do indivíduo ».

Poderíamos perguntar: fechar-se no puro desenvolvimento psicológico do indivíduo sem querer dar atenção aos valores absolutos, que estão implícitos na actividade psicológica do homem, não será porventura deformá-lo? Ficar no âmbito restrito da transitividade do indivíduo será acaso respeitar a sua autenticidade? A vida humana, verdadeiramente autêntica, não é pura transitividade; a sua actividade transiente encerra claros indícios de algo permanente e absoluto. E esses valores absolutos e permanentes não os pode ignorar uma pedagogia genuinamente humana.

Se houvéssemos de fazer uma análise minuciosa da tese do Sr. Dr. D. S. muitos outros pontos deveríamos indicar em que, ou discordamos das afirmações do A., ou as não vemos suficientemente demonstradas. Assim, por exemplo, julgamos que só por paradoxo se pode afirmar que « a psicologia não é instrumento ao serviço da educação, mas sim a educação o fundamento da psicologia ».

Também não lográmos ver como se responde satisfatoriamente a uma objecção, que o próprio Sr. Dr. D. S. formula: « Educar é levar o homem... à busca do único absoluto no horizonte da vida humana: — autenticidade. Dir-se-á: mas este interesse de autenticidade tem seus limites. O desconhecimento desses limites pode ser perturbador da sociabilidade ».

Por outras palavras: se cada um deve desenvolver as suas qualidades psicológicas sem qualquer preocupação doutros valores estranhos — morais, sociais ou religiosos — como será possível a vida em sociedade? O Sr. Dr. D. S. responde que « o problema toma aspecto diferente quando observado doutro ângulo ». A verdade, porém, é que, mesmo observado dessoutro ângulo, não lográmos ver, nas explicações do Sr. Dr. D. S., solução que nos satisfizesse, para este problema que aliás é bem grave.

Mas é tempo de concluir esta nota, já demasiado longa. Não a queremos, porém, encerrar sem dizer que uma atitude existencialista, isto é, uma atitude que parte do homem e da sua situação radical — estar no mundo —, pode ser um ponto de partida fecundo e sugestivo para a elaboração duma pedagogia verdadeiramente pedagógica. Neste particular é-nos grato afirmar a nossa concordância com o Sr. Dr. D. S.

O que não podemos aceitar é a atitude existencialista do tipo heideggeriano; as razões já sumariamente as indicamos acima: o método fenomenológico rigorosamente fechado dá uma concepção deformada e errônea do indivíduo humano, que deve ser educado; por outra parte o anti-intelectualismo, que não admite a objectividade de valores absolutos, prescinde dos altos ideais humanos e cristãos, que devem necessariamente orientar a verdadeira pedagogia. — *P. D. A.*